

## **Fim de quarentena**

Alexandre Lobão

Quarenta!

Nas redes sociais, centenas de amigos virtuais dão parabéns, copiando mensagens de outros aniversários, balões, bolos, velas... congratulações superficiais de centenas de desconhecidos que alguém ousou batizar de “amigos” quando fundou a primeira das redes de relacionamentos virtuais – erro propagado em todas as redes sociais que se seguiram, como o suposto pecado original que se perpetuou nos descendentes de Adão e Eva.

Em plena quarentena, mesmo cercado por infindáveis meses de solidão, o peso das hipócritas mensagens é demais para mim. Desligo o mundo com um dedo, e retorno para minha sala de estar.

Quase sem perceber, solto um suspiro de alívio. O peso da vida online é bem maior que sua substância, mas só o percebemos quando olhamos para além das sombras projetadas nas paredes da caverna de Platão. Eu penso, logo o mundo existe.

Libertos da tela, meus olhos correm pela sala.

A estante que ocupa toda uma parede guarda meus bens mais preciosos: livros. Todos lidos com cuidado, muitos rabiscados com anotações que fiz com o mesmo carinho de quem escreve cartas a um amor distante. Lembro da quase volúpia com que, tantas vezes, meu lápis acariciou a pele suave das páginas, anotando, concordando ou discordando, transformando cada livro em meu, cada leitura em uma experiência de vida.

Caminho até ela, admirando, olhos correndo pelas lombadas, detendo-se aqui e ali para reler títulos e deliciarem-se com antigas lembranças.

Ao brincar com memórias e letras, reparo em algo que se destaca na prateleira mais alta. Por trás dos livros, o prelúdio de um segredo que se esconde, tímido. Subo em uma cadeira e desenterro aos poucos o enigma. Decifra-me e devoro-te.

As mãos tremem quando puxo a caixa para fora, já lembrando do que se trata. Limpo a poeira acumulada pela memória dos anos, e ainda receoso levanto a tampa. As lembranças, como eu em minha recente fuga do mundo virtual, tornam-se reais.

Fotos, desenhos e bilhetes de amor se misturam com flores secas, guardanapos com desenhos de bocas em batom e souvenirs de viagens antigas. Entre umas e outras memórias, nasce a de um sorriso com aparelho nos dentes. Minha primeira namorada. Meu primeiro beijo, no Cine Atlântida, quando a vontade foi maior que a timidez.

Fotos antigas de amigos, em churrascos, viagens, aniversários... Rio a cada sorriso rememorado, gargalho com a foto dos amigos da UnB atirando um professor da universidade na piscina, em um dos famosos churrascos da Arquitetura.

Encontro uma cápsula de uma bala de efeito moral, daquelas utilizadas pela polícia para dispersar multidões. Longa história e a lembrança de que, apesar do medo, fiz a minha parte em frente ao Congresso durante a campanha das Diretas Já.

Mais fotos, lembranças de batizados, bilhetinhos de amor, um pequeno troféu improvisado do campeonato de boliche entre amigos... Uma foto de minha irmã, sorrindo, segurando uma mala. Quando ela mudou para a Itália, o custo das ligações telefônicas era a desculpa para a distância. E agora?

Reúno toda a coragem e procuro no fundo da caixa uma memória que me faz tremer: A foto de minha esposa, um sorriso lindo no olhar, o rosto corado, resplandecendo de vida, as mãos afetuosas abraçando a própria barriga, grávida de gêmeos.

Ao invés da dor intensa que eu esperava, sinto uma imensa alegria por revê-la. Acaricio com a ponta do dedo sua bochecha, seu sorriso, a barriga. Seus olhos me dizem “eu te amo”, e respondo em voz alta.

Olho para minha mão esquerda, meu dedo ainda preso à aliança. Quando foi que a vida desistiu de me trazer amigos, aventuras, paixões? Quando foi que Brasília, minha eterna cidade da esperança, se tornou um cemitério de memórias? Ou fui quem desisti de me apaixonar, de vivenciar novas ou antigas amizades, de procurar por aventuras?

Minha quarentena começou há muitos anos. Quando eu saía às ruas e andava entre desconhecidos, sorria para estranhos, fazia amigos virtuais, era quando estava mais só.

Olho novamente para minha mão, onde a aliança é um elo que me prende a uma memória linda, de amor e felicidade; mas ainda assim apenas uma memória. Em um gesto de coragem, guardo-a na caixa, junto com as outras recordações.

Ligo novamente o telefone e ignoro as centenas de pseudo-amigos, reparando no aviso: Uma ligação perdida. Minha irmã. Ligo para ela e, não sei porque, só de ouvir sua voz dizendo “Alô?” já me vêm lágrimas aos olhos.

Enquanto conversamos, a primeira conversa verdadeira em muito tempo, puxo um lápis e um papel e começo a anotar os nomes daqueles para quem vou ligar a seguir.

Pela janela, a Brasília da esperança sorri novamente para mim.

A quarentena, finalmente, acabou.